

CARACTERIZAÇÃO DA CAFEICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Lázaro Ribeiro de Oliveira¹, Valdemiro Conceição Júnior²

¹Discente do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão da Cadeia Produtiva do Café com Ênfase em sustentabilidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, lro.agro@yahoo.com.br

²Professor Dr. Pleno do Departamento de Fitotecnia e Zootecnia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, miroconceicao@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho discute a cafeicultura praticada pelos Agricultores Familiares do município de Vitória da Conquista-Ba, identificando suas principais características sociais, econômicas e ambientais, apontando suas potencialidades e vulnerabilidades. Para a realização desta pesquisa foram aplicados 45 questionários aos cafeicultores familiares nas principais regiões produtoras de café do município. De acordo com os dados obtidos constatou-se um relevante percentual de pessoas que desenvolvem algum tipo de atividade remunerada fora da propriedade. Em 49% das propriedades há pelo menos 1 aposentado e 24% das famílias são atendidas pelo programa bolsa família. Desta forma foi possível verificar a importância de outras fontes de renda para a manutenção destas famílias no campo. Há um baixo nível de escolaridade entre os produtores, o que reflete negativamente na gestão de suas propriedades. Os dados obtidos revelaram um predomínio de pequenas propriedades, pois 87% possuem área de até 10 hectares. As lavouras de café em sua maioria possuem área de até 2 hectares. Foi verificada uma grande diversificação da produção voltada ao autoconsumo e a comercialização, além de uma intensiva utilização da terra. Na fase da colheita em 67% das propriedades costuma-se contratar pessoas para colher o café, com uma média de 6 pessoas por propriedade. Em relação a produtividade observou-se uma média de 12,7 sacas por hectare. A dificuldade de acesso ao crédito e a políticas públicas voltadas a este segmento, aliada a inexistência de assistência técnica, agravados pelo déficit hídrico acentuado, principalmente nos últimos anos, aparentam ser as causas desta baixa produtividade e da obtenção de cafés com qualidade inferior. Investir na melhoria da qualidade do café produzido, associando a qualidade a sua origem e a conceitos de sustentabilidade social, seria uma importante alternativa para agregar valor ao produto, conferindo assim, uma maior rentabilidade aos produtores.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar, café, cafeicultura familiar.

HARACTERIZATION OF THE FAMILY COFFEE PRODUCTION IN THE MUNICIPALITY OF VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

ABSTRACT: This work discusses the coffee farming practiced by Farmers of the municipality of Vitoria da Conquista-BA, identifying its main social, economic and environmental characteristics, pointing their potentialities and vulnerabilities. For this research were applied questionnaires 45 family coffee growers in major coffee producing regions. According to the data obtained was found a significant percentage of people who develop some kind of paid activity outside the property. In 49% of the properties for at least 1 retired and 24% of households are served by the family allowance program. In this way it was possible to verify the importance of other sources of income for the maintenance of these families in the countryside. There is a low level of education among the producers, what reflects poorly in managing your properties. The data obtained showed a predominance of small properties, because 87% have up to 10 hectares area. Coffee crops mostly have up to 2 hectares area. It was verified a great diversification of consumption on the production and marketing in addition to intensive land use. In harvest stage in 67% of the properties it is often hire people to harvest coffee, with an average of 6 people per property. In relation to productivity showed a 12,7 average sacks per hectare. The difficulty of access to credit and the public policies geared to this segment, combined with lack of technical assistance, compounded by sharp water deficit, especially in recent years, appear to be the causes of this low productivity and of obtaining lower-quality coffees. Invest in the improvement of the quality of the coffee produced, associating the quality their origin and social sustainability concepts, are ways of adding value to the product, giving it a greater profit to the producers.

KEY WORDS: Family farming, coffee, coffee production.

INTRODUÇÃO

O café é o segundo produto negociado no mundo, perdendo apenas do petróleo, por isso o seu sistema de comercialização é altamente organizado e concentrado, sendo comercializado em sacas de 60 kg e classificado em tipo e bebida, de acordo com as normas brasileiras (DUTRA NETO, 2009).

Existem mais de 80 países consumidores e 60 países produtores, sendo que o seu cultivo situa-se em regiões tropicais e subtropicais. O Brasil é tradicionalmente o maior e mais importante país produtor do mundo, e o estado da Bahia se

destaca como quarto maior produtor de café do Brasil. Dentre as regiões produtoras de café no estado da Bahia destaca-se a região do Planalto, a qual possui altitude, clima e solos propícios para o cultivo do café arábica. Na região do Planalto a cafeicultura é a atividade agrícola de maior importância, pois apresenta a maior área e o maior valor de produção quando comparado a todas as outras culturas estudadas. É nessa região que se localiza o município de Vitória da Conquista, segundo maior produtor de café dessa região, e centro de negócios de café. As propriedades da agricultura familiar contribuem de forma significativa no montante da produção de café, tanto a nível nacional, como regional, além de desempenharem um papel importante na geração de emprego e ocupação no meio rural, demonstrando assim sua importância social e econômica. A agricultura familiar foi reconhecida oficialmente pela Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, sendo definida como aquela praticada em estabelecimento dirigido pela família, que tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, cuja área não exceda quatro módulos fiscais, utilizando mão de obra predominantemente familiar (BRASIL, 2006). Dados do censo agropecuário de 2006 revelam a importância da agricultura familiar, a qual representa 84,4% dos estabelecimentos brasileiros, e ocupam uma área de 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários brasileiros (IBGE, 2009). A agricultura familiar contribui de forma significativa na fixação do homem no campo, através da geração de emprego e ocupação no meio rural, pois segundo o censo agropecuário de 2006, existiam 12,3 milhões de pessoas vinculadas à agricultura familiar (74,4% do pessoal ocupado) (IBGE, 2009). Destaca-se também a importância deste segmento na produção de alimentos, sendo responsável por garantir boa parte de a segurança alimentar do país, como importante fornecedora de alimentos para o mercado interno. Segundo a SEAGRI (2010), das propriedades produtoras de café da Bahia, 70% são de agricultores familiares, e os 30% restante são de médios e grandes proprietários, sendo que, deste número, só 5% apresentam áreas superiores a 100 hectares, concentradas no oeste, onde a atividade é empresarial. O presente trabalho teve como objetivo caracterizar a cafeicultura familiar no município de Vitória da Conquista, identificando suas principais características sociais, econômicas e ambientais apontando suas potencialidades e vulnerabilidades.

MATERIAL E MÉTODOS

O município de Vitória da Conquista esta situada na região Sudoeste da Bahia possui uma área de 3.357 km² e uma população de 306.866 habitantes (IBGE, 2010), localiza-se entre as coordenadas de 14°30' e 15°30' de latitude Sul e 40° 30' e 41°10' de longitude a oeste, à altitude de 921 metros em relação ao nível do mar, distanciado em linha reta, 313 km e a 512 km por rodovia, da cidade de Salvador, capital do Estado.

O levantamento dos dados foi realizado através da aplicação de questionários nas propriedades produtoras de café da agricultura familiar localizadas nas principais regiões produtoras de café no município de Vitória da Conquista-BA, nos meses de março, abril e maio de 2013.

Os questionários foram aplicados com a finalidade de conhecer as principais características sociais, econômicas e ambientais, bem como as práticas agrícolas utilizadas, na cafeicultura desenvolvida pelos cafeicultores familiares. Para isso foram aplicados 45 questionários em 16 localidades, são elas: Povoado de Abelhas, Inhobim, Velame, Baixa Seca, Lagoa de Melquiades, Barrocas, São Joaquim, Limeira, Duas Vendas, Cabeceira da Jiboia, Capinal, São Sebastião, São Domingos, Estiva, Santa Marta e Volta Grande.

As propriedades foram selecionadas ao acaso, tomando-se como base a lei da agricultura familiar para que fizessem parte da amostra. Em seguida foi realizada a tabulação dos dados utilizando planilhas do sistema Microsoft Excel 2010, onde os dados foram analisados tanto quantitativa como qualitativamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas propriedades pesquisadas, num universo de 174 pessoas, considerando que a população em idade ativa possua faixa etária entre 18 e 59 anos, encontrou-se 57,5% dos moradores em idade ativa. Desses, 40% possui algum tipo de atividade remunerada fora da propriedade, contribuindo assim para o aumento na renda familiar. Resultado semelhante foi encontrado num estudo realizado por Pereira et al.(2006), ao pesquisar sobre o perfil da agricultura realizada no entorno da sede do município de Vitória da Conquista, onde constataram que 35,5% de pessoas possuíam renda não agrícola, sendo comum o trabalho em fábricas, comércio, construção civil e em residências na sede do município. Em 49% das propriedades há pelo menos 1 aposentado na família, onde dessas, 68% têm a aposentadoria como uma das principais fontes de renda. Desta forma, é possível observar a importância da aposentadoria na composição da renda familiar, tornando-se uma importante ferramenta para assegurar a permanência da família e a sua reprodução social e econômica. O programa bolsa família atende 24% das famílias entrevistadas, que o utilizam para complementar sua renda. Conforme visto, o trabalho fora da propriedade, ou em atividades não agrícolas, aliado a outras fontes de renda, como as citadas acima, permitem condições para a manutenção das famílias no campo, viabilizando as pequenas propriedades que não conseguem manter-se unicamente da agricultura.

Em 33,3% das propriedades algum membro da família migrou para algum centro urbano, sendo que destes, 60% migraram para a cidade de Vitória da Conquista, 33,3% migraram para cidade de São Paulo e 6,7% migraram para outras cidades da região objetivando trabalhar em atividades que proporcionem uma melhor renda ou para estudar. Estes dados concordam com o encontrado por Pereira et al.(2006), onde constataram que 31,8% das famílias de

agricultores residentes no entorno de Vitória da Conquista tinha algum membro que migrou para grandes centros. Entre os agricultores familiares há um baixo nível de escolaridade, pois apenas 6,7% concluíram o 2ª grau e 26,7% são analfabetos (Figura 1).

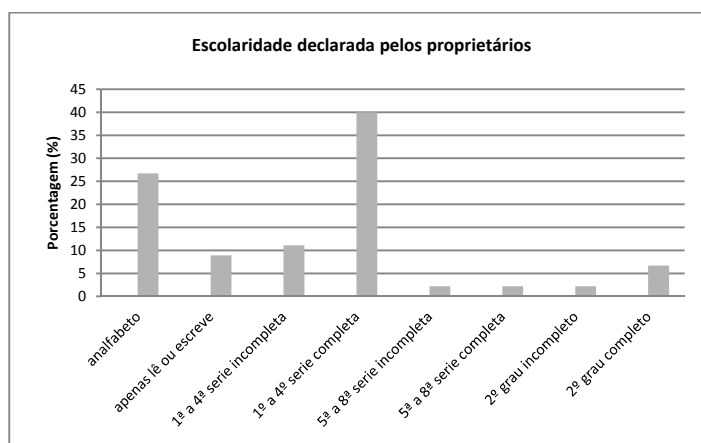


Figura 1 – Escolaridade declarada pelos proprietários. Vitória da Conquista, 2013.

O baixo nível de escolaridade e principalmente o alto índice de analfabetismo observado entre os agricultores é um aspecto negativo, pois como os mesmos atuam como gestores de sua propriedade torna-se necessário o domínio da leitura, escrita e operações matemáticas. O reflexo desse baixo nível de escolaridade é visto na gestão da propriedade, onde apenas 2,2% dos agricultores costumam fazer anotações referentes a gastos com insumos e produção da lavoura. Segundo dados obtidos 58% dos estabelecimentos possuem área total de até 5 hectares e, somente 13% dos estabelecimentos possui mais de 10 hectares, o que se caracteriza como minifúndios, onde as propriedades rurais sofreram redução no seu tamanho, ocasionado por repartição por herança ou venda de parcelas da propriedade. Essa afirmação se confirma ao ser constatado que 40% das propriedades pesquisadas foram herdadas e várias outras localizam-se em áreas que antes eram grandes fazendas.

Foi observada grande diversificação na produção, onde além do café são produzidos diversos outros alimentos e algumas criações com a finalidade de autoconsumo e comercialização. Dentre os alimentos cultivados destaca-se a mandioca, a qual é cultivada em 49% das propriedades, seguida pelo feijão, que é cultivado em 40% das propriedades e pelo milho, cultivado em 35,5%. Frutíferas diversas como laranja, abacate, banana, caju, goiaba, maracujá, melancia e mamão são cultivadas em 40% das propriedades. Além desses, varias outros alimentos são produzidos em menor quantidade, sendo que a criação de galinhas merece destaque, pois é desenvolvida em 32% das propriedades. Essa característica segundo Abreu et al., (2006) muitas vezes viabiliza a produção e a manutenção familiar, pois permite aos produtores a obtenção de receita escalonada durante o ano e rendas não monetárias, como insumos para a produção animal e alimentos para o autoconsumo. Em relação a área das lavouras de café, encontrou-se lavouras que variam de 1040m² a 25 hectares, sendo que 71,1% das lavouras de café possui área de até 2 hectares, conforme a Figura 2.

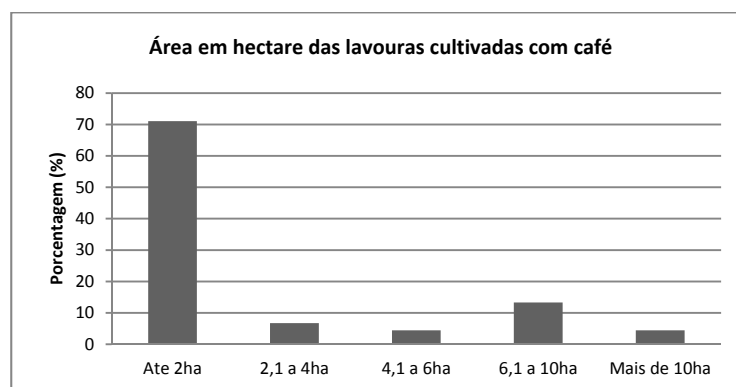


Figura 2 – Área em hectares das lavouras cultivadas com café. Vitória da Conquista, 2013.

Uma das características da agricultura praticada em estabelecimentos familiares é que devido a menor área das propriedades ocorre uma utilização intensiva da terra, onde os agricultores procuram explorar ao máximo a pouca quantidade de área que tem, resultando numa maior ocupação e conseqüentemente maior produção. Pôde-se observar que 64,5% das propriedades possui toda sua área cultivada com cultivos diversos. Dado semelhante foi observado por

Pereira et al. (2006), que constatou que 69,9% dos agricultores familiares do entorno do município de Vitória da Conquista utilizavam mais de 70% da área com cultivo.

Apenas em 20% das propriedades há área disponível com pretensão de ampliação dos cultivos, sendo que destas, 67% dos agricultores pretendem aumentar a área cultivada com mandioca e apenas 22% pretendem aumentar o cultivo de café, dessa forma pode-se afirmar que não há uma perspectiva de aumento significativo na área cultivada com café pelos cafeicultores familiares. O percentual de propriedades que recebe algum tipo de assistência técnica ainda é muito pequeno, pois 87% dos entrevistados declararam não ter acesso a nenhum tipo de assistência. Entre o tipo de assistência técnica recebida pelos 13% que declararam receber, metade se caracteriza como transferência de tecnologia promovida por órgãos públicos e a outra metade foi obtida em lojas de insumos agropecuários, sendo que não foi registrado nenhum caso de assistência específica ao produtor e a sua cafeicultura. Na figura 3 estão relacionadas algumas práticas agrícolas utilizadas nas lavouras de café visitadas.

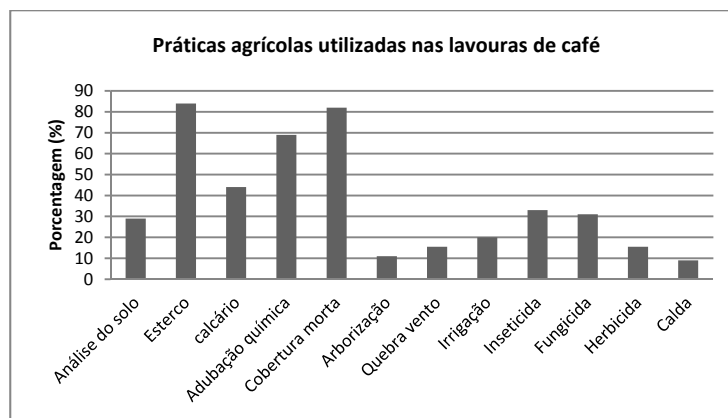


Figura 3 – Práticas agrícolas utilizadas nas lavouras de café. Vitória da Conquista, 2013.

Dados obtidos revelam que a análise do solo é uma prática pouco utilizada pelos cafeicultores, pois apenas 29% costumam fazer, ficando a adubação comprometida, pois não se conhecem as reais necessidades do solo, em termos de qualidade e quantidade dos elementos químicos. Em 84% das lavouras de café utiliza-se o esterco como adubo orgânico, favorecendo as condições físicas, químicas e biológicas do solo. Além disso, esta prática torna-se de grande importância em regiões onde o déficit hídrico é mais acentuado devido a sua capacidade de retenção de umidade do solo. A adubação química é utilizada em 69% das propriedades. Os principais adubos utilizados são o NPK, ureia e supersimples, e em menor frequência o adubo foliar e pó de rocha. Já a correção do solo é praticada em 44% das lavouras. A utilização de cobertura morta se destaca por ser uma prática utilizada por 82% dos agricultores, o que revela uma tendência ao aproveitamento de insumos orgânicos produzidos na propriedade, devido principalmente ao seu baixo custo e a sua alta utilidade.

O consórcio do café com outras culturas foi verificado em 51% das propriedades. Esta prática ajuda a aproveitar melhor a área da lavoura e a mão de obra disponível, reduzindo os custos e aumentando as receitas. Foi observado a utilização de inseticidas, fungicidas e herbicidas por 33%, 31% e 15,5% dos agricultores respectivamente, sendo que, a eficiência da utilização destes produtos torna-se duvidosa devido ao não acompanhamento técnico na utilização destes produtos. A irrigação, devido ao seu alto custo de implantação e a escassez de recursos hídricos na região, ainda é praticada por uma pequena parcela dos agricultores (20%), além de baixa mecanização e utilização de implementos agrícola pelos trabalhadores. Entre os produtores, todos declararam utilizar enxada e 65% declararam utilizar foice. Somente 6,6% declararam possuir trator próprio, 2,2% possuem roçadeira manual e 2,2% utilizam tração animal. Apenas 2,2% declararam utilizar trator de associação e 6,6% declarou que, quando necessário aluga trator. Conceição Jr. et al. (2006) já haviam observado que nos sistemas de produção da Agricultura Familiar no município de Vitória da Conquista não é comum a utilização de maquinários, e o manejo do solo é realizado de forma rudimentar, geralmente com a utilização de foices e enxadas, que são instrumentos de fácil aquisição e não precisam de treinamentos específicos para manuseio, como os tratores, por exemplo. Apesar de simples, estes utensílios aparentam suprir as necessidades do produtor e da cultura, sem grandes gastos.

A forma de colheita predominante é a manual. Em todas as propriedades há uma predominância do trabalho familiar, exceto na época da colheita café onde se costuma contratar trabalhadores para esta atividade. Em 33,3% das propriedades a colheita é realizada exclusivamente por familiares, sendo que este fato ocorre apenas em estabelecimentos que possuem lavouras com área de até dois hectares. Os demais estabelecimentos costumam contratar trabalhadores para a colheita, sendo que o número de trabalhadores contratados varia em função do tamanho da área da lavoura de café ou da quantidade de mão de obra disponível na família, onde se faz necessário uma complementação com mão de obra externa para proceder a colheita. Em média são contratados 6 trabalhadores por propriedade para a colheita do café.

Em relação a produtividade observou-se uma média de 12,7 sacas por hectare. Esta média aproxima-se da obtida pelos pequenos produtores de café arábica do estado da Bahia, que segundo a SEAGRI (2011) foi de 14,3 sacas por hectare.

Na maior parte das propriedades pesquisadas o café é secado em terreiros de chão batido, correspondendo a 42%. A figura 4 mostra as formas de secagem de café utilizado pelos cafeicultores familiares.



Figura 4 – Formas de secagem do café. Vitória da Conquista, 2013.

A secagem em terreiro de chão batido segundo a EMBRAPA(2005), não é recomendável, pois este tipo de terreiro além de ter menor rendimento de secagem, favorece a ocorrência de sujeiras e fermentações indesejáveis, originando um produto de má qualidade. Já a secagem em terreiro de piso revestido é considerado recomendável por proporcionar uma secagem mais eficiente, mais uniforme e com menos riscos de contaminação, garantindo um produto de melhor qualidade. Pimenta (2003) citado por Queiroz (2008) destaca que nas regiões com alta incidência de umidade relativa do ar nos períodos de pré-colheita, na colheita e secagem no terreiro, em geral observam-se bebidas de pior qualidade devido à ocorrência de deterioração, que é favorecida nestas condições climáticas, e conseqüentemente, maior presença de defeitos no café. A qualidade da bebida é um dos principais fatores que irão determinar o preço pago ao café. A maior parte dos produtores (60%) produz o café classificado como bebida rio, 20% produzem bebida dura e rio e 20% não souberam informar o tipo de café produzido. Dos agricultores entrevistados 84,4% declararam ter algum tipo de dificuldade na produção do café. Na tabela 1 estão relacionadas as dificuldades mais citadas.

Tabela 1- Dificuldades declaradas pelos cafeicultores. Vitória da Conquista, 2013.

Dificuldades	(%)
Déficit hídrico	40,0
Falta de recursos para investir na lavoura	26,7
Falta de assistência técnica	6,7
Falta de trabalhadores para colheita	4,4
Alto custo de mão de obra	4,4
Outros	17,8

A seca que vem afetando a região nos últimos anos foi apontado pela maioria dos produtores como principal dificuldade encontrada no processo produtivo, sendo percebida como principal fator limitante da produção. A falta de recursos financeiros para investir na lavoura foi apontada também como um fator limitante da produção e da obtenção de cafés de melhor qualidade, pois sem recursos financeiros para investir na lavoura, ficam impossibilitados de realizar a adubação ou tratamentos culturais, contratar assistência técnica, irrigação, não conseguindo assim, obter rendimentos necessários para reinvestir no negócio. Através dos dados obtidos foi possível constatar um baixo acesso ao crédito pelos cafeicultores familiares, onde apenas 11% declararam possuir atualmente algum tipo de financiamento, 42% declararam não possuir atualmente, mas já ter utilizado alguma vez e 47% nunca teve acesso a nenhum tipo de financiamento. Aparentemente, o baixo rendimento das lavouras e conseqüentemente a baixa receita gerada, faz com que a maior parte dos agricultores fique receosa em solicitar financiamentos, mesmo com a pequena taxa de juros para esta categoria, devido ao risco de se tornarem inadimplentes.

A comercialização do café beneficiado é realizada na cidade de Vitória da Conquista, sendo que todos os produtores comercializam o café de forma individual. A maior parte (78%) é vendida a atravessadores e os demais vendem diretamente a donos de estabelecimento (barracas). Questionados sobre a influência do atravessador no processo de comercialização, a maioria dos entrevistados (84,4%) declarou que se sente prejudicado pelo atravessador. Entretanto a figura do atravessador acabou se tornando a única opção para os cafeicultores que não tem condições de ingressar no mercado. A organização dos agricultores em cooperativas ou associações seriam formas de retirar os atravessadores deste processo, conferindo maiores lucros e benefícios aos produtores.

Em relação a participação em organizações, entre as famílias pesquisadas não houve registro de participação em cooperativas, apenas 38% participam de associações de produtores e 35,5% participam do sindicato rural. Este baixo percentual de participação em organizações dificulta o acesso dos agricultores aos benefícios que teriam caso

trabalhassem de forma coletiva, tais como: assistência técnica com menor custo; aquisição de insumos; comercialização coletiva sem a participação do atravessador, dentre outros. Questionados sobre o motivo de não participarem de nenhuma organização, a maioria dos entrevistados justificou que nunca teve interesse em participar, tal fato pode ser compreendido pela falta de informação sobre a importância e benefícios gerados através da participação em organizações como cooperativas e associações. Em parte isto se deve a falta de assistência técnica que esclareça aos produtores os benefícios do associativismo e do cooperativismo.

A permanência na atividade cafeeira depende de diversos fatores. Entre os entrevistados 82% pretendem continuar na atividade cafeeira. Dentre os motivos que os mantem na atividade 30% relataram que pela idade avançada, não tem disposição física para mudar de atividade, já 27% disseram não ter alternativa, 21,5% relataram que, por ser uma atividade tradicional da região e por estarem habituados com o manejo da cultura não desejam mudar de atividade, já 8% tem perspectivas de melhoras pretendendo alcançar melhores rendimentos. A dificuldade em obter resultados financeiros satisfatórios através da cafeicultura foi o principal fator apontado pelos agricultores que declararam desejo de mudar de atividade.

Em relação às questões ambientais, provavelmente devido à pequena área das propriedades e ao uso intensivo da terra, foi verificado que apenas 20% das propriedades possuem área com reserva legal. A utilização de lenha retirada da propriedade para ser utilizado como fonte de energia foi verificada em 47% dos estabelecimentos, o que indica que ainda ocorre a retirada de vegetação para esta finalidade. Já a prática da queimada é utilizada por apenas 4,4% dos agricultores, indicando a existência de algum grau de consciência ambiental.

CONCLUSÕES

Os estabelecimentos da cafeicultura familiar do município de Vitória da Conquista caracterizam-se predominantemente por pequenas propriedades, de baixa produtividade e cafés com qualidade inferior, resultando em um baixo rendimento financeiro.

A falta de organização social dos agricultores torna-se um impedimento a que possam participar do mercado em melhores condições de concorrência.

É necessário envolver os atores capazes de modificar este cenário, ou seja, os próprios agricultores, o poder público, órgãos de extensão rural, a universidade e os centros de pesquisa, para que possam propor e executar ações concretas que venham a modificar o atual cenário da cafeicultura familiar neste município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. W. M. DE; BRITO, I. P. F. S. DE; CONCEIÇÃO JUNIOR, V. **Importância da diversidade produtiva para a Agricultura Familiar no município de Vitória da Conquista – Bahia**. X Congresso de Pesquisa e Extensão da UESB – CONPEX. Vitória da Conquista, BA, 2008.

BRASIL, Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **[Diário Oficial da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 24 de julho de 2006. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/ato2004-2006/2006/lei/111326.htm>>. Acesso em: 22/05/2013

CONCEIÇÃO JR, Valdemiro; BRITO, I. P. F. S. de; ABREU, R. W. M. de; MENEZES, A. M. S.; PEREIRA, M. P. **Sustentabilidade econômica dos sistemas de produção da Agricultura Familiar no município de Vitória da Conquista - Bahia**. Revista Economia e Sociedade, Vitória da Conquista: ADTR/PMVC, v. 1, p. 21-30, 2008.

DUTRA NETO, C. **Desenvolvimento Regional e Agronegócio**. 1. ed. Vitória da Conquista: Ed. Do Autor, 2009.165p.

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Cultivo do Café Robusta em Rondônia**. Embrapa Rondônia. Sistemas de Produção, 5. Versão Eletrônica, 2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Cafe/CultivodoCafeRobustaRO/index.htm>> Acesso em: 05 de junho de 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=293330>> acesso em 18/06/2013, as 20:00.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar. Primeiros resultados**. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Brasília/Rio de Janeiro: MDA/MPOG, 2009.

PEREIRA, M. P. et al. **Perfil da agricultura realizada no entorno da sede do município de Vitória da Conquista-BA**. 58ª Reunião Anual da SBPC. Florianópolis, SC, Julho/2006.

QUEIROZ, Aline F. de. **Influência do processo de secagem do café na ocorrência do grão melado**. Muzambinho: EAFMUZ, 2008.35p. Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Cafeicultura. Muzambinho, 06 de novembro de 2008.

SEAGRI-Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Diagnóstico e propostas para a cadeia produtiva do café da Bahia**. Salvador, 2011.

SEAGRI-Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Especial: O Café na Bahia**. Salvador, 2010.